

Apesar da dificuldade em localizar na história a criação da cidade, a data oficial parece adequada

São Paulo e a sua primeira missa

ERNANI SILVA
BRUNO

Poderia dizer-se que é arbitrária ou convencional a escolha da data de 25 de janeiro para se comemorar a fundação de São Paulo? Para o professor Jaime Cortesão, essa fundação "foi um ato fluido no tempo e múltiplo na ação, com profundas raízes pré-históricas, mas cuja realização, sob a espécie histórica, decorreu entre os anos de 1532 e 1560". Foi do conflito ou da acomodação das intenções e dos trabalhos de disparatados personagens — caciques índios, o povoador Martim Afonso, o aventureiro João Ramalho, os missionários jesuítas, impulsionados por motivos de sobrevivência ou de inspiração política ou religiosa — que resultou, ao longo daquele período de 28 anos, a formação da povoação de São Paulo do Campo ou São Paulo de Piratininga.

Na verdade, porém, se o problema é o de haver uma data comemorativa, a melhor ainda é a de 25 de janeiro, pois está documentadamente comprovado que nesse dia, em 1554, os jesuítas celebraram a primeira missa na Casa que haveria de ser o embrião do Colégio e o núcleo do povoado. Mesmo porque seria impossível descobrir o dia em que Martim Afonso manifestou sua intenção ou tomou alguma medida — se é que o fez — para que se fundasse um povoado no planalto de Piratininga. Ou o dia em que Ramalho subiu da costa para as terras de serra-acima e se fixou, com seus filhos mamelucos, na Borda do Campo. Ou ainda a data precisa em que se transferiu o predicamento de vila, de Santo André da Borda do Campo para a povoação de Piratininga.

Costuma-se dizer que São Paulo é cidade privilegiada, no Brasil, do ponto de vista da conservação de documentos que possibilitam o estudo minucioso de sua evolução — pelo menos em termos de problemas que se refletiram nas preocupações de sua edilidade — pois tendo-se constituído seu poder municipal em 1560, perderam-se apenas as atas das vereanças realizadas nesse ano e no seguinte, conhecendo-se, de 1562 em diante, os registros das sessões efetuadas em sua câmara municipal.

Antes de 1562, o pouco que se pode saber é o que consta das cartas remetidas, daqui ou de São Vicente, aos superiores da Companhia de Jesus na Europa, pelos primeiros jesuítas que viveram na região, relatando as situações, os acontecimentos e os problemas com que se deparavam.

Em novembro de 1550, por exemplo, o padre Leonardo Nunes, em carta escrita em São Vicente, contava que no Campo, "catorze ou quinze léguas daqui, entre os índios, estava alguma gente cristã derramada". O padre diz que pejejou para que essa "gente derramada" retornasse "às vilas, entre os cristãos" e por fim conseguiu que "se juntassem todos em um lugar e fizessem uma ermida". Seria a origem de Santo André da Borda do Campo?

Poucos anos depois, a 15 de junho de 1553, o padre Manoel da Nóbrega, em carta escrita também em São Vicente, informava que no Campo de Piratininga três povoações de índios queriam se juntar em uma só "para melhor aprenderem a doutrina cristã", acrescentando que ali vivia "um João Ramalho" cujos filhos andavam nus como os próprios índios e que por isso Ramalho era um obstáculo à atividade missionária. O curioso é que em carta de 31 de agosto do mesmo ano, redigida "no sertão de São Vicente", Nóbrega afirmava o contrário, isto é, que em Ramalho e em seus filhos os jesuítas viam "um grande meio" para a conversão do gentio.

Ainda de Nóbrega, em outubro do mesmo ano, é outra carta em que conta: a duas léguas "de uma povoação de João Ramalho, que se chama Piratininga, onde Martim Afonso primeiro povoou, ajuntamos todos os que Nosso Senhor quer trazer à sua igreja... e vai se fazendo uma formosa povoação..."

O depoimento seguinte, de interesse, é de José de Anchieta, que nada diz sobre a povoação, mas se reporta à data hoje consagrada. É uma carta de 1.º de setembro de 1554, em que escreve: "... alguns dos irmãos mandados para esta aldeia no Ano do Senhor de 1554, chegamos a ela a 25 de janeiro e celebramos a primeira missa numa casa pobrezinha e muito pequena, no dia da Conversão de São Paulo e por isso dedicamos ao mesmo esta nossa Casa."

Também projeta alguma luz sobre os primeiros passos do povoamento do planalto paulista um testemunho de Nóbrega em carta de maio de 1556: "Ali, em Piratininga, foi a primeira povoação de cristãos que nesta terra houve em tempo de Martim Afonso de Souza." Depois, se despovoara, porque muitos preferiram se transferir para o litoral, "de que agora todos se arrependem".

Luis da Grã, em carta de 7 de abril de 1557, referindo-se ao fato de que muitos dos índios que antes viveram em Piratininga haviam debandado para outros lugares, pode dar idéia de que o burgo se estaria despovoando. Mas uma carta de Anchieta, de São Vicente, a 1.º de junho de 1560, explicava que "em lugar dos catecúmenos que de Piratininga se foram, vieram outros de diversos lugares, querendo viver segundo a vida cristã; fizeram casas de taipa para ali sempre morar, para o que lhes deu grande ajuda o padre Afonso Brás, com incansável trabalho".

E ainda Anchieta quem relata, em carta de 30 de julho do ano seguinte: "Uma população de portugueses (Santo André) que estava três léguas apartada, mudou-se para Piratininga, por mandato do governador (Mem de Sá), a instância dos padres..." Essa trans-



A povoação primitiva, no alto da colina, segundo a interpretação do pintor Almeida Carvalho.



Anchieta e o curumim, escultura de Ricardo Cipichio.

ferência de moradores — ou a própria mudança do predicamento de vila, daquela povoação para a de Piratininga — significou a laicização de São Paulo, que passava da condição de aldeamento ou sede de Casa de Conversão para a situação de povoação civil.

Parece certa, assim, a tese de Cortesão. E seria inútil procurar "o fundador" de São Paulo. Fundadores foram Martim Afonso e seus companheiros, Portugueses anônimos e desconhecidos, antes esparramados pelo campo e sua borda. Jesuítas que vieram esfarrapar suas batinas neste "cabo do mundo". Ramalho e seu batalhão de mulheres bugras, pouco importando que fossem filhas de caciques ou de índios rasos.

O que importa é que a povoação se fez e vingou. Pero de Magalhães Gandavo, o autor do "Tratado da Terra do Brasil", que se supõe que tenha sido escrito em 1570, informava: "Não há pela terra dentro povoação de portugueses, por causa dos índios que não no consentem, e também pelo socorro e tratos do Reino lhes é necessário estarem junto do mar para terem comunicação de mercadorias. E por este respeito vivem todos junto da Costa". Há mais de dez anos São Paulo de Piratininga estava desmentindo o cronista.



Nesse esboço de Mertig, a suposição de como seria a Piratininga nos seus primeiros anos.



Fechada para descanso.

Hoje, a cidade está em paz. As ruas tranquilas. O trânsito livre. E o céu menos poluído. Nem parece que estamos falando de São Paulo. Uma cidade que há 426 anos não pára de trabalhar em benefício do seu país. Por isso, o melhor presente que ela poderia receber no seu aniversário é um dia de descanso. Hoje, São Paulo parou.

Homenagem da sua Poupança Continental aos 426 anos de São Paulo.

Poupança Continental
A experiência que garante.